



# Inflação e crise americana: problemas à vista?

O cenário econômico brasileiro, pródigo em boas notícias até o final do primeiro quadrimestre deste ano, inclusive com a promoção do país para o grau de investimento, parece submetido a um conjunto de dúvidas e incertezas diante do momento vivido pela economia mundial, que certamente tem conseqüências no plano doméstico.

Após um período de crescimento brilhante para a economia mundial entre 2003 e 2007, em que o comércio internacional se expandiu a uma taxa média superior a 7,9% ao ano, o advento da crise financeira nos Estados Unidos no início do segundo semestre de 2007 parece ter desencadeado uma maré de más notícias. No primeiro semestre de 2008 tem ocorrido uma elevação substancial nos preços de commodities em geral e do petróleo em particular, obrigando os bancos centrais a elevar as taxas básicas de juros, o que deverá causar um arrefecimento no ritmo de crescimento da economia global.

A crise financeira americana decorre da valorização imobiliária nos anos subseqüentes a 2003, quando o mercado se expandiu ao mesmo tempo em que as taxas de juros permaneciam baixas. Com isso, os critérios de seleção dos créditos ficaram crescentemente mais frouxos e o volume das operações foi sendo expandido progressivamente.

Já em 2006 uma série de análises de mercado apontava para o excesso desses créditos e para o risco que se corria em todo o mercado,

na medida em que a securitização tem a característica de envolver parcela substantiva do mercado de capitais, através da compra das hipotecas por fundos de investimento e por bancos de atacado.



"O melhor a fazer é ficar de olho nos custos e buscar cada vez mais produtividade"

Bastou que a inflação norte-americana levasse o Federal Reserve a elevar a taxa de juros básica, que passou de 1,5% ao ano em 2001 para 5,25%, no primeiro semestre de 2006, para que ocorresse o surgimento de um grande volume de inadimplência, que resultou em prejuízos para securitizadoras, companhias de seguro, instituições de financiamento imobiliário, gestores de fundos de investimento e mesmo bancos de atacado, que operam com títulos decorrentes dessas operações.

Ao mesmo tempo, a necessidade de crédito por parte desses agentes financeiros, aliada a uma maior percepção sobre os riscos incorridos, levou grande intranqüilidade ao mercado, com os bancos de investimento contabilizando grandes perdas que culminaram, em março passado, com o desaparecimento da quinta maior instituição do gênero, o Bear Stearns.

Ao longo de todo esse processo de aguçamento da crise das hipotecas sub-prime, que foi conjugado a uma elevação da inflação norte-americana, o dólar sofreu uma forte desvalorização frente ao euro e outras moedas internacionais. Repetiu-se, portanto, a situação verificada em 1971, quando ocorreu o abandono do padrão-ouro pela moeda americana, e também no início da década de 1980, que veio a provocar a crise da dívida na América Latina.

As conseqüências desse processo de desvalorização são muitas. Em primeiro lugar, as exportações

norte-americanas ganharam competitividade frente às dos demais países desenvolvidos, com o que o déficit em transações correntes dos EUA se reduziu bastante. Por outro lado, todos os países e agentes econômicos que mantinham aplicações em títulos norte-americanos amargaram perdas mais ou menos importantes.

Para os fundos multimercado, uma das alternativas utilizadas consistiu em realizar grandes aplicações nos mercados futuros de commodities que, conjugadas ao alargamento do consumo decorrente do crescimento dos países emergentes entre 2003 e 2007, contribuíram em grande medida para o recrudescimento da inflação. Essa inflação é um fenômeno mundial, achando-se concentrada em petróleo e alimentos, apesar de envolver também matérias-primas minerais.

Na medida em que o Brasil dos dias que correm mantém fortes vínculos com a economia global, nosso país também foi afetado pelo movimento ascensional dos preços e vem experimentando uma elevação no ritmo da inflação. Neste momento não existem dúvidas de que a meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional para o ano de 2008, de 4,5% de inflação, será superada. A dúvida é saber se a margem de segurança, de dois pontos percentuais acima da meta, será também superada ou se, depois de ter experimentado um crescimento perceptível, a inflação brasileira irá se desacelerar, atingindo em dezembro próximo um nível igual ou ligeiramente inferior a 6,5% ao ano.

Nesse contexto, a questão ganha especial destaque no planejamento de curto prazo de todos

os segmentos econômicos. Para as pequenas e médias empresas, trata-se de enfrentar uma conjuntura menos favorável que a verificada no passado recente, uma vez que os custos financeiros, já elevados, poderão crescer ainda mais.

Do outro lado, uma estrita observação sobre os componentes de custo dos produtos e serviços é necessária, para evitar incrementos substanciais nos custos operacionais. Essa elevação de custos poderá provocar uma perda de competitividade, tanto no mercado interno, como no mercado de exportação, em virtude da situação de câmbio apreciado que estamos enfrentando. Outro risco é de reduzir consideravelmente as margens de lucro, como meio de manter a competitividade de produtos em ambos os mercados, o que também implica em fragilizar a operação das pequenas e médias empresas.

Uma vez que o empreendedor não tem nenhuma ingerência sobre as decisões macroeconômicas e da economia internacional, nossa sugestão é que procure, por todos os meios, garantir a manutenção dos custos operacionais, através de esforços continuados na direção do aumento da produtividade. É, para todos, hora de atenção e foco na evolução dos custos, ao mesmo tempo em que devemos torcer para que a inflação se acomode em patamares mais estáveis nos próximos meses. ◀

\*\*\*\*\*  
\*THARCISIO BIERRENBACH DE SOUZA SANTOS é economista, doutor em História Econômica, vice-diretor da Faculdade de Administração da Fundação Armando Álvares Penteado e diretor do FAAP-MBA. E-mail: tsantos@faap.br

Seja um franqueado  
**linkwell**  
tenha retorno  
em 12 a 18 meses



**linkwell**

A melhor opção em  
franquia de soluções para

**internet,  
design gráfico  
e multimídia.**

Como franqueado, você poderá comercializar nossos serviços de **internet** (criação e revitalização de web sites, desenvolvimento de intranets e extranets, projetos de e-commerce e e-business), **design gráfico** (identidade corporativa que engloba: logomarca, cartões de visita, pastas, papéis timbrados, folders e sinalização interna; mídias publicitárias como banners, outdoors e anúncios impressos e projetos editoriais como revistas e jornais) e **multimídia** (apresentações em CD Card e outras mídias) sem se preocupar com a produção, ou seja, a LinkWell se encarrega de toda a produção para você.



DESDE 1992

[www.linkwell.com.br](http://www.linkwell.com.br)

Central de Atendimento  
**0800 600 4056**

